

Organizadores:
Alexandre Félix Silva
Sheila Maria Gonçalves da Silva

LUTA, LIBERDADE E EDUCAÇÃO

A INSPIRAÇÃO DA OBRA DE PAULO
FREIRE NAS ANDARILHAGENS DA VIDA



**LUTA, LIBERDADE E EDUCAÇÃO: A Inspiração da Obra de Paulo Freire nas
Andarilhagens da Vida (e-book)**

ORGANIZAÇÃO

Alexandre Félix Silva (Mestre em Educação e Ensino – UECE)

Sheila Maria Gonçalves da Silva (Mestre em Educação e Ensino – UECE)

UMA PUBLICAÇÃO:

Editora Celeiro dos Sonhos

CNPJ: 37.344.888/0001-90

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Luta, liberdade e educação [livro eletrônico] : a
inspiração da obra de Paulo Freire nas
andarilhagens da vida / organização Alexandre
Félix Silva, Sheila Maria Gonçalves da Silva. --
Quixadá, CE : Editora Celeiro dos Sonhos, 2024.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-993469-3-4

1. Artigos - Coletâneas 2. Educação 3. Freire,
Paulo, 1921-1997 4. Pedagogia - Metodologia
5. Prática pedagógica I. Silva, Alexandre Félix.
II. Silva, Sheila Maria Gonçalves da.

24-239239

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Prática docente : Pedagogia freiriana : Educação
370.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Realização



Produção



CONSELHO DIRETOR - QUADRIÊNIO 2024 A 2028
DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTA

Izaltina de Oliveira Gonzaga Rodrigues

VICE-PRESIDENTA

Antônia Eli Paulino Barreto de Farias

SECRETÁRIA GERAL

Maria Agacir de Matos Vieira

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Valdísia Araújo Prudêncio

SECRETÁRIA DE FINANÇAS

Ozanir Evângela Oliveira

PRIMEIRA TESOUREIRA

Isabel Maria Assunção Apolônio

DIRETORA DA SECRETARIA DE FORMAÇÃO

Sheila Maria Gonçalves da Silva

DIRETORA DA SECRETARIA DE ASSUNTOS JURIDÍCOS

Maria Socorro Ricarte

DIRETORA DA SECRETARIA DE POLÍTICAS SOCIAIS

Francisca Neiva Esteves da Silveira

DIRETORA DA SECRETARIA DE POLÍTICAS INTERSINDICAIS

Bruna Pereira de Freitas

DIRETORA DA SECRETARIA DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO

Camila dos Santos Magalhães

DIRETORA DA SECRETARIA DA MULHER TRABALHADORA

Maria das Graças Costa

DIRETOR DA SECRETARIA DE ASSUNTOS ECONÔMICOS E PESQUISA

José Weliton da Silva Oliveira

DIRETOR DA SECRETARIA DA SAÚDE DO TRABALHADOR

Francisco Eloni de Sousa Silva

SUMÁRIO

	5
<i>APRESENTAÇÃO</i>	6
<i>INTRODUÇÃO</i>	7
<i>A AUTONOMIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR</i>	10
<i>CONVERSÇÕES SINDICAIS: A PRÁXIS EDUCATIVA DE PAULO FREIRE COMO INSTRUMENTO DE LUTA DOS(AS) TRABALHADORES(AS)</i>	31
<i>CARTAS PEDAGÓGICAS</i>	39

APRESENTAÇÃO

Formar a Classe Trabalhadora em um Mundo de permanentes transformações: essa é a missão da Política de Formação do SINDSEP de Quixadá, Ibareta, Banabuiú, Choró e Ibicuitinga.

As profundas transformações, ocorridas na Sociedade pluralista em que estamos inseridos, afetam multilateralmente homens e mulheres de maneiras diferentes, tendo em consideração os papéis sociais distintos de ambos fazendo frente às implicações no posicionamento político, econômico e cultural.

A nossa Pedagogia Sindical foi forjada no berço de lutas sindicais aliançadas com a gênese histórica institucional de sua mantenedora, constituindo-se na construção cultural e social pela qual os indivíduos têm seus papéis distintos implicando posições hierárquicas na sociedade, determinam-se a partir das variadas performances, supondo responsabilidades múltiplas, necessidades, possibilidades de acesso, controle dos recursos e na tomada de decisões.

A perspectiva da nossa Política de Formação se configura na análise dos processos políticos de inserção ao concentrar sua atenção na existência de um conjunto de relações compartilhadas proporcionando a Igualdade de Oportunidades.

Para o SINDSEP de Quixadá e Região, a ação formativa na ambiência dos trabalhadores e trabalhadoras NÃO SE DÁ DE FORMA ISOLADA, MAS SE INTERRELACIONA COM A COMUNIDADE EXTERNA, prestigiando, sobretudo, a COMUNIDADE ACADÊMICO-CIENTÍFICA DA UECE/FECLESC, se materializando no oferecimento de condições de CONCEPÇÃO, ACESSO, INSERÇÃO E PERMANÊNCIA dos sujeitos a uma plataforma de qualidade de vida para todos e todas.

INTRODUÇÃO

O ano de 2021 se revelou ainda mais desafiador mediante a necessidade urgente de resgatarmos nas diversas instâncias da Sociedade Brasileira a atualidade do forte pensamento de Paulo Freire (Patrono da Educação Brasileira) que, em plena pandemia de COVID-19 teve o seu centenário de vida.

O ebook “LUTA, LIBERDADE E EDUCAÇÃO: A INSPIRAÇÃO DA OBRA DE PAULO FREIRE NAS ANDARILHAGENS DA VIDA” tem como norte discursivo a pedagogia freireana, com ênfase e compromisso com a educação emancipadora, apresentando reflexões sobre a compreensão da pedagogia da libertação como concepção teórico-metodológica dialética, portadora de uma visão de ser humano, de sociedade e de organização pedagógica.

Apresentamos ainda neste trabalho a compreensão da concepção de conhecimento na perspectiva dialética que orienta a pedagogia freireana e identificação de aspectos relevantes dessa pedagogia para a organização do processo de ensino e de aprendizagem.

Este ebook é composto de dois importantes momentos: o primeiro, consta de artigos selecionados através de edital público onde servidores(as) municipais e a comunidade em geral tiveram a chance de apresentar seus trabalhos inspirados em Paulo Freire. A segunda parte consta de cartas pedagógicas que são o resultado da conclusão do curso online “Lideranças Conectadas”, promovido pela EFOLS/SINDSEP em parceria com a FECLESC/UECE.

A boa leitura deste trabalho deve ser acompanhada do sentimento de amor pelo qual ele foi tecido, pois é assim que nos anuncia Paulo Freire: *“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.”*

PARTE I

ARTIGOS

A AUTONOMIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Wellyna Gonçalves Jucá¹

Cecilia Rosa Lacerda²

Resumo

O presente estudo discute a categoria autonomia na educação e suas constituições em diferentes épocas e nas organizações curriculares. O debate acontece a partir de referências bibliográficas, como: Freire (2018), Contreras (2012), Campos (2012), entre outros. O resultado remete à necessidade de superar a autonomia ilusória implicada pelas teorias curriculares tradicionais, e lutar por uma autonomia docente enquanto processo coletivo, na busca do ser para si.

Palavras-chave: Autonomia Docente, Organização Curricular, Educação.

¹ Wellyna Gonçalves Jucá, Mestre em Educação e Ensino pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Educação Básica do Município de Quixadá- CE. E-mail: wellynagj@gmail.com

² Cecilia Rosa Lacerda, Pós-doutorado em Formação de Formadores – PUC/SP. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenadora adjunta do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da UECE. E-mail: cecilia.lacerda@uece.br

INTRODUÇÃO

O estudo da autonomia docente remete às referências sobre a organização do ensino e implicações econômicas na educação escolar. É fundamental compreender a importância do trabalho do professor, a partir de debates críticos das categorias que fortalecem essa profissão.

Destacamos aqui, a autonomia, com suas nuances e constituições em diferentes épocas, teorias educacionais e organizações curriculares. No sentido de compreender, a categoria em questão, como possibilidade de transformar realidades desiguais. Assim, debateremos o conceito a partir de Freire (2018), Contreras (2012), Campos (2012), entre outras citações bibliográficas pertinentes a temática.

A estrutura econômica e social de cada época influencia as constituições educacionais e as demais composições sociais. Ao afirmar que vivemos em uma sociedade dividida em classes desiguais, e que uma classe detém o poder, enquanto a outra vende sua mão de obra para sobreviver; registramos que tais evidências se refazem nos mais diversos ambientes.

As construções curriculares e a organização do ensino em meio às teorias educacionais permitem o desenvolvimento da autonomia docente de forma específica, cada uma com obrigação moral, compromisso e competência de acordo com seus princípios, ou seja, conforme as determinações políticas, econômicas e sociais do momento. O que seria necessário para instigar a construção da autonomia docente? Essa é a problemática em questão.

Dessa forma, o presente trabalho discute a autonomia docente em diferentes períodos históricos e, transcende os saberes necessários à autonomia coletiva, na perspectiva de incitar novos rumos ao ensino e a aprendizagem, de modo crítico e consciente da realidade existente.

MODELOS DE AUTONOMIA EM MEIO ÀS ORGANIZAÇÕES CURRICULARES

Para compreender a importância da autonomia docente, remete-nos aos estudos das teorias educacionais e organizações curriculares que estiveram presente em cada época do desenvolvimento da sociedade capitalista. Pois, as construções educacionais e curriculares incorporam a autonomia com uma obrigação moral, compromisso e competência específica.

O autor Contreras (2012), discute estudos de *Donald Schön*, a respeito do modelo que vem predominando a prática dos professores, a racionalidade técnica, outrossim, é um paradigma, no qual a prática educativa significa a saída para os problemas sociais.

Contreras ainda acrescenta que, os elementos da racionalidade técnica, como: a ciência básica, a aplicada, as habilidades e atitude, são sustentados pela concepção positivista do conhecimento, contudo, na educação a ausência de aplicações dos saberes pedagógicos fez da instrução um ofício limitado.

O professor, como profissional técnico, compreende que sua ação consiste na aplicação de decisões técnicas. Ao reconhecer o problema diante do qual se encontra, ao ter claramente definidos os resultados que deve alcançar, ou quando tiver decidido qual é a dificuldade de aprendizagem de tal aluno ou grupo, seleciona entre o repertório disponível o tratamento que melhor se adapta à situação e o aplica (CONTRERAS, 2012, p. 107).

No entanto, a crítica levantada por Contreras (2012), é porque o modelo educacional apresentado acima, já aceita problemas formulados, e apenas escolhe os meios disponibilizados, para chegar a fins pré-estabelecidos. Quando, na verdade, os professores deveriam conhecer a natureza do problema, em seus múltiplos contextos, pois, os problemas devem ser conhecidos antes das escolhas de técnicas.

Diante do modelo de racionalidade técnica, a autonomia de professores é ilusória, com a incapacitação política, em que reduz a relevância da obrigação moral e educacional da atuação à instrumentalização.

O docente técnico é o que assume a função da aplicação dos métodos e da conquista dos objetivos, e sua profissionalidade se identifica com a eficácia e eficiência nesta aplicação e conquista. Não faz parte de seu exercício profissional o questionamento das pretensões do ensino, mas tão somente seu cumprimento de forma eficaz. É assim que a racionalidade técnica implanta a figura do *expert*, que legitima com o domínio das técnicas derivadas do conhecimento científico (CONTRERAS, 2012, p. 113).

Os professores '*experts*' apresentam inclinações máximas pelo rigorismo, em vez de ampliar a importância para o conhecimento geral dos problemas sob os quais atuam. Muitas vezes, as situações problemáticas nas escolas são imprevisíveis, e as ações educativas previstas ficam incapazes de serem concretizadas.

Por isso, cada professor ou professora se vê obrigado a interpretar o significado especial e singular de cada situação, bem como a oportunidade educativa que ela representa [...]. Decidir a ação mais apropriada para cada caso não é algo que possa proporcionar um conhecimento pedagógico de caráter técnico (CONTRERAS, 2012, p. 115).

O caráter técnico não delibera sobre os problemas educacionais, a tal ponto de suplantar as necessidades da comunidade e incidir em competências profissionais autônomas, porquanto o professor como profissional técnico desenvolve sua prática em meio às estratégias traçadas por seus superiores, ou diretrizes nacionais que desconhecem o contexto dos problemas da sua sala de aula.

Uma das organizações educacionais que cultivou o professor como profissional técnico, foi a Pedagogia Tecnicista inspirada nos princípios de

racionalização e produtividade, de cunho pragmático, em que o método e o processo de ensino recebiam maiores atenção; enquanto os professores apenas administram uma instrução programada para o desenvolvimento de um aluno produtivo.

Enquanto isso, as teorias educacionais progressistas tentaram orientar a prática educativa para superar o poder ilusório das relações sociais. Destacaram também, a educação a partir da prática social; em que os educadores e alunos têm em mãos um poder real, ainda que limitado, na luta por uma educação crítica social dos conteúdos.

No final dos anos sessenta, podia-se já dizer que a hegemonia da concepção técnica do currículo estava com seus dias contados [...]. O movimento de reconceptualização exprimia uma insatisfação crescente de pessoas do campo do currículo com os parâmetros tecnocráticos [...] (SILVA, 2017, p. 37).

Silva (2017) apresenta autores que colaboraram com o surgimento das teorias críticas sobre o currículo, os destaques nos estudos críticos são: Paulo Freire e Dermeval Saviani, além de Michael Apple e Henry Giroux; estudiosos que compreendiam a escola, o currículo e os professores, como campos democráticos, culturais, envolvidos nas atividades de forma crítica. Embora, existam divergências entre eles, por exemplo:

Para Saviani, a tarefa de uma pedagogia crítica consiste em transmitir aqueles conhecimentos universais que são considerados como patrimônio da humanidade e não dos grupos sociais que deles se apropriaram. Saviani critica tanto as pedagogias ativas mais liberais quanto a pedagogia libertadora freireana por enfatizarem não a aquisição do conhecimento, mas os métodos de sua aquisição (SILVA, 2017, p. 63).

No entanto, todos enfocam a *práxis* transformadora, e a resistência política. Diante das teorias críticas e seu desenvolvimento, remata-se o professor como um intelectual crítico preocupado com os problemas do

cotidiano, ou seja, um docente que junto aos alunos ampliam as críticas para transformação da comunidade.

A transformação do ensino para torná-las mais justas e educativa deve ser realizada em conexão com os movimentos sociais (e não só profissionais) que aspiram à democratização da sociedade. Nesta perspectiva, a autonomia não estaria desligada desse último propósito político, porque a autonomia profissional dos professores, entendida como processo progressivo de emancipação, não estaria desconectada da autonomia social, ou seja, das aspirações das comunidades sociais por criar seus próprios processos de participação e decisão nos assuntos que afetam suas vidas (CONTRERAS, 2012, p. 204).

Assim, as ponderações em relação às teorias críticas são por permanecerem mais no plano teórico, do que no concreto, ou seja, não se consolidarem enquanto sistema educacional. Com o surgimento das teorias curriculares pós-críticas no século XX, com destaque para o multiculturalismo, diversos autores apresentaram estudos analisando tais organizações, como Silva (2017).

Silva (2017) apresenta o multiculturalismo como um movimento de reivindicação dos grupos dominados, para terem suas culturas representadas, seja na educação, ou nos mais diversos espaços sociais. O autor cita que “As teorias pós-críticas olham com desconfiança para conceitos como alienação, emancipação, libertação, autonomia, que supõem, todos, uma essência subjetiva que foi alterada e precisa ser restaurada” (SILVA, 2017, p. 149).

No Brasil também ressurgiu em meio às teorias educacionais, o neoprodutivismo, junto às nuances neoliberais e com enfoque no ‘aprender a aprender’, no desenvolvimento de competências, entre outras facetas que reapareceram, todas enfatizando a educação como investimento que habilita os indivíduos para competir no mercado de trabalho por vagas de emprego. Logo, a educação escolar e o ensino acontecem a partir da reflexão da

realidade, características que levaram o desenvolvimento de um profissional reflexivo.

O profissional reflexivo, um professor com autonomia individual construindo soluções para determinados problemas, refletindo e considerando distintos pontos de vistas. A crítica a este profissional, apresentada em Contreras (2012), destaca que:

Não se pode limitar a concepção do professor pesquisador à reflexão sobre sua prática, a partir da qual o conhecimento que implicitamente a guiava se torna consciente. É necessário dispor de uma teoria com que se possa entender quais são as restrições que a prática institucional impõe às nossas próprias concepções sobre o ensino, de maneira que desperte o potencial transformador que esta deve ter (CONTRERAS, 2012, p. 161).

O Brasil subsiste sob a economia capitalista e política neoliberal reguladas por interesses de organismos internacionais; para Contreras (2012) os países com tais características tem o Estado com a finalidade de possibilitar o desenvolvimento da economia capitalista, minimizando ainda mais os direitos básicos do povo.

Os preceitos que atuam nas escolas brasileiras provêm da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96, a qual recebeu influências de políticas internacionais que adentrava a nação em meados da década de 1990 e permanecem nas novas diretrizes educacionais, por exemplo, na Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Para suplantar os problemas que remetem os conflitos nas organizações curriculares existentes, ou evitar a sobrecarga de reformas educacionais, necessita-se conhecer as diretrizes que regulam a educação escolar e continuar resistindo aos problemas intervenientes na prática pedagógica.

Enquanto edificação social, o currículo deriva de procedimentos e disposições ajustadas; e levando em conta que a sociedade é dividida em

classes e permeadas por relações desiguais, logo as questões pertinentes ao conhecimento, também passa por conflitos, por conta das diferentes ideias. De outra forma, as analogias individuais sucedem identidades diversas e capazes de fortalecer as lutas sociais.

O autor Arroyo (2007) relata tais acontecimentos e proporciona indagações sobre as novas identidades pessoais e coletivas e suas referências para os novos debates a respeito das organizações curriculares.

Seria conveniente programar encontros, estudos e oficinas para indagar os currículos enquanto planos e práticas pedagógicas que orientam nossa ação e nossas escolhas, a partir de nós mesmos, de nossas identidades profissionais, pessoais e coletivas (ARROYO, 2007, P. 18).

Além das diversas suplantações citadas que necessitamos vencer em relação ao desenvolvimento e construções mais significantes de organizações curriculares, e conseqüentemente, do conhecimento no Brasil; o que falta também é o rompimento com a maior de todas, que seria deixar de seguirem princípios e arquétipos de outros países, desde as formações superiores aos níveis iniciais de ensino.

Entre as formações docentes e discentes o sistema educacional busca sempre incorporar enfaticamente as habilidades técnicas, ou tolerantes as diferenças; é nesse momento que exige mais do professor, pois requer formação contínua para atender as exigências propostas, as novas perspectivas do mercado de trabalho.

Nesse caso, compreende-se que os currículos recebem mais influências mundiais do que propriamente nacionais. Isto deve ser repensado, pois os desafios entre os países são distintos e as necessidades de cada lugar requer atenção.

Trata-se de uma dinâmica fundamental para que sejamos capazes de desenvolver currículos que incorporem referentes de diferentes universos culturais, coerentes com a perspectiva intercultural. Este cruzamento de culturas, conhecimentos e saberes se dá de diferentes maneiras,

algumas vezes de modo confluyente ou complementário, e outras de interação tensa, chegando mesmo a um confronto entre diferentes posições (CANDAU, 2012, p. 10-11).

A autora exhibe a relevância em procurar o desenvolvimento da educação nos contextos nacionais, sem aderir somente as concepções estrangeiras, tais relações devem existir de modo a compartilhar conhecimentos fundamentais ao crescimento global.

A educação escolar pode ser repensada para além dos interesses do mercado, ou seja, ter o ensino e a aprendizagem organizados de forma crítica junto à autonomia coletiva, na finalidade de superar os limites, construir conhecimentos e possibilidades de transformação da realidade vivente.

Dessa forma, o desenvolvimento da autonomia docente em aspectos coletivo, consiste em uma dialética, ao mesmo tempo que é construída, também constrói um ensino e aprendizagem críticos e direcionados à transformação social. Mas, o que seria necessário para instigar a construção, de fato, da autonomia docente?

Saberes necessários à Autonomia Docente

A autonomia docente é constituída por elementos que ascendem das relações sociais, econômicas, legislativas e políticas. É um conceito desenvolvido por diversos autores, debateremos a partir de Freire (2018), Contreras (2012), Campos (2012), entre outros estudiosos.

Os saberes necessários à autonomia docente estão além dos condicionados pela sociedade capitalista. Nos últimos tempos, uma suposta autonomia tem se desenvolvida em relação à educação. Contreras (2012) explica:

Um dos paradoxos das atuais políticas de reforma é que combinam simultaneamente o controle da educação por parte do Estado com seu abandono ao mercado. Por esta

razão, a suposta autonomia reflete a contradição entre a flexibilização e a crescente regulamentação. Mas esta contradição é mais aparente do que real, se entendermos que a autonomia das escolas foi pensada como uma forma de *autoadministração*, e não como um modo de autogestão política (CONTRERAS, 2012, p. 287).

Além disso, a autonomia na atual conjuntura política do neoliberalismo, é cercada de interferências e diretrizes para ser seguidas, assim cada escola vai se tornando um espaço administrado com saberes e espaços desarticulados, ou seja, não interagem com espaços idênticos, mas segue prescrições das leis externas.

A desqualificação, a rotina, o controle burocrático, a dependência de um conhecimento alheio legitimado e a intensificação conduzem à perda de autonomia, perda que é em si mesma um processo de desumanização no trabalho (CONTRERAS, 2012, p. 212).

Em Contreras (2012), compreende-se que a luta pela autonomia docente não é exclusivamente uma requisição na finalidade de melhorar a função do ser professor, mas de toda educação. A perda da autonomia não está contida apenas na dependência do educador aos mecanismos legislativos, mas na necessidade de seguir diretrizes externas.

A ampliação do controle burocrático da prática pedagógica, demanda um acréscimo de resultados, no intuito de controlar a atuação dos professores e das determinações burocráticas. Assim os saberes que orientam a prática e autonomia docente, demudam-se em implicações e valores prognosticados.

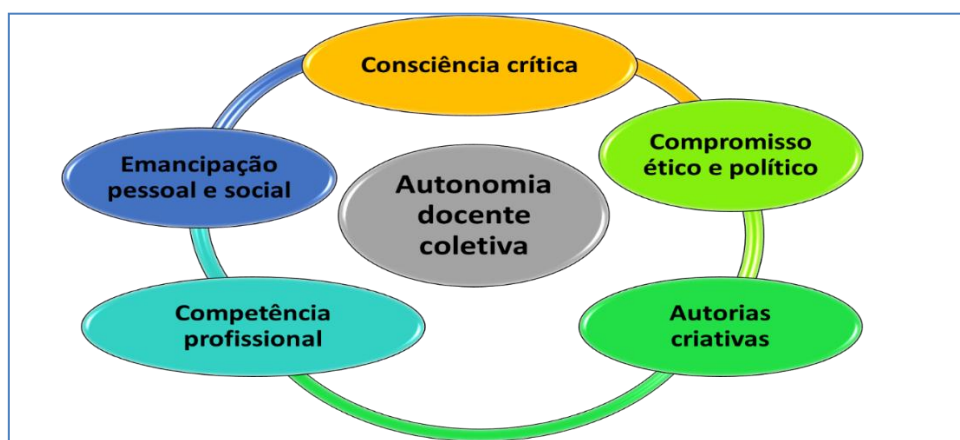
Os valores e pretensões que deveriam agir como orientadores internos da prática, ao transformarem-se em resultados previsíveis, se comportam como orientadores externos que instrumentalizam a própria prática; por meio da qual a perda de autonomia dos modos de controle técnico e burocrático leva consigo a instrumentalização da prática (CONTRERAS, 2012, p. 213).

A instrumentalização leva o prejuízo da capacidade prática como do conhecimento teórico, pois acontece o rompimento entre a prática educativa e sua especificidade. Dessa forma, não é suficiente manter competências técnicas se não há a compreensão das suas finalidades.

A autonomia docente é uma luta da condição humana, uma procura da dignidade dos professores enquanto trabalhadores, com o propósito de desenvolver um ensino a partir de saberes e valores educativos. Como explica Campos (2012), “o docente age e, ao agir, elabora saberes produzidos pela sua prática” (p. 26).

Os saberes necessários para autonomia docente estão desde a construção da consciência crítica; do compromisso ético e político; das autorias criativas; da competência profissional; à emancipação pessoal e social. Vejamos a ilustração:

Figura 1 - Ciclo da Autonomia docente coletiva



Fonte: Elaborada pela autora.

A consciência crítica acontece a partir da superação da consciência ingênua, em Freire (2018), a ‘curiosidade ingênua’ ao se criticizar torna curiosidade epistemológica, assim o autor afirma que ensinar exige criticidade.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando, apromixando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto

cognoscível, se torna *curiosidade epistemológica* (FREIRE, 2018, p. 33).

A curiosidade epistemológica permite a construção do conhecimento baseado no diálogo aberto ao novo, a diversidade, a ciência e envolvida pela dinâmica social, assim a autonomia decorre das ações pessoais, profissionais e coletivas.

A prática docente envolvida por autonomia demanda da reflexão crítica sobre suas ações, fundamentada em conhecimento e autoconhecimento, constitui-se como processo de investigação, de comprometimento, confiança e atuações nos contextos sociais.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 2018, p. 40).

O autor destaca a importância de refletir sobre a prática, na finalidade de aprimorar futuras práticas, e assim evitar desacertos, ou mesmo aprender ultrapassar os limites condicionados nas estruturas escolares, seja de ensino, aprendizagem, falta de recursos, diretrizes ou excesso dos conflitos pessoais.

Interligado ao saber da consciência crítica ascende o saber do compromisso ético, o qual não se resume a cumprir diretrizes, mas suplantar as segregações causadas pela meritocracia do ensino, que nomeia cada aluno a partir das notas de avaliações, das condições sociais.

É ético que os profissionais e educandos lutem por devolver-lhes o que vem sendo subtraído, o direito a pensar, criar, escolher o que ensinar e como, o que aprender, que conhecimentos garantem o direito a entender suas vivências, a entender-se. Nessa luta ética pela liberdade e a autoria, pelo direito a um conhecimento

que liberte, o currículo aparece como o território de disputa (ARROYO, 2013, p. 40).

Arroyo (2013) coloca que o currículo precisa ser questionado e levar em conta os saberes do povo, das diferentes culturas, das comunidades e vivências. Dessa forma, resistir aos “cânones únicos segregadores tem feito parte da ética docente, e assim formar os educandos para valorizar suas linguagens e seus saberes e colocá-los em diálogo com a diversidade de saberes e linguagens” (ARROYO, 2013, p. 41).

O autor supracitado debate que não defende a negação dos conhecimentos científicos, porém, é necessário reconhecer os discursos dos diversos grupos sociais, tornar os conhecimentos produzidos pela humanidade ao alcance de todos e possibilitar a construção política pedagógica na sociedade.

Os embates políticos sobre o que se ensina, se leem e aprendem sobre valores e contravalores que as escolas reproduzem viraram objeto de tensas disputas em todos os níveis da sociedade; um indicador de que os profissionais da educação básica cresceram em autonomia ameaçando o papel de reprodutores fiéis dos valores e das representações inferiorizantes que pesam sobre eles e sobre os setores populares com os quais trabalham (ARROYO, 2013, p. 41-42).

Assim, confirma-se a carência de outras políticas curriculares mais abertas aos processos dinâmicos de cada comunidade, com novas políticas de avaliação para além de estabelecer colocações, expor resultados, ou recompensas aos melhores, que possam reconhecer cada escola e sua identidade cultural.

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas... a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as

dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar (FREIRE, 2018, p. 34).

Acresce-se ainda, a ação política que compartilha e transforma os conhecimentos. Como dito, o saber ético e político é construído próximo a consciência crítica, está vinculado a estética e ao fenômeno artístico. As autorias criativas são produtos de várias combinações que ultrapassam as austeridades administrativas.

As lutas pela autonomia profissional avançaram nas últimas décadas junto com o crescimento do movimento docente. Autonomia e autorias que se chocam não apenas com os controles gestores, mas com a rigidez do ordenamento curricular. O currículo está aí com sua rigidez, se impondo sobre nossa criatividade (ARROYO, 2013, p. 34).

No sistema educativo existem duas disposições: o coletivo que ascendeu junto às conquistas de tempo para planejar, o uso de instrumentos no combate as aulas menos mecânicas; contra os defensores das diretrizes, da organização metódica das sequências didáticas.

Entretanto, as manifestações cresceram e com elas surgiram vários debates, muitos deles englobam temáticas da educação, desde melhores condições profissionais, às organizações curriculares. A participação docente nas lutas sociais tem papel relevante na busca pelo avanço educacional.

Estamos sugerindo a necessidade de avançar em duas direções que se complementam: de um lado abrir novos tempos-espacos e práticas coletivas de autonomia e criatividade profissional; de outro, aprofundar no entendimento das estruturas, das concepções, dos mecanismos que limitam essa autonomia e criatividade; entendê-los para se contrapor e poder avançar (ARROYO, 2013, p. 35).

Os limites da autoria profissional têm permanecido na organização do sistema avaliativo, ultrapassar os condicionamentos hierárquicos dos conhecimentos, é a maior dificuldade. Pois, tem grande alcance e

permanecem com estruturas mais rigorosas que o próprio sistema educativo, além de servir para distribuições de recursos e capitais.

Os professores recebem a obrigação de acender organizações curriculares com novas culturas, possibilitar o encontro dos estudantes e educadores aos múltiplos saberes produzidos por seus povos e outras comunidades.

As tentativas de autonomia, de criatividade nas salas de aula, nos projetos político-pedagógicos das escolas, a pluralidade de projetos que os docentes inventam merecem destaque em oficinas e em dias de estudo. É importante destacar em que pontos os docentes reagem à rigidez e ao caráter impositivo dos ordenamentos curriculares e das avaliações e como fortalecem sua autoria e criatividade; como vão conformando outro profissional (ARROYO, 2013, p. 36-37).

O autor acrescenta que as resistências aos ditames discriminatórios presente na educação escolar, partem não só dos movimentos de professores, mas de outros movimentos sociais, os quais batalham pelo fim de práticas segregacionistas, que cultuam o sexismo, e outras discriminações.

Os movimentos que lutam pela supressão de tais práticas na sociedade, igualmente incorporam os espaços das escolas, dos currículos, das avaliações, dos materiais didáticos, das formações e construções profissionais dos professores.

Currículo, ordenamento, avaliação se mostram determinantes da organização do trabalho, da valorização-desvalorização do magistério, da manutenção ou perda dos direitos conquistados. Diante das autorias negadas a reação do movimento docente repolitiza a disputa no território do currículo. Reafirmando o direito à autoria e à criatividade docente (ARROYO, 2013, p. 43).

Por meio dos movimentos, é a maneira que os docentes têm encontrado para expressar suas criatividade, as manifestações podem

acontecer nas salas de aulas, nas ruas, através de determinadas redes de ensino; os movimentos também contribuem para a autonomia política da profissão docente.

A profissão docente exige competências para ensinar, algumas construídas sobre a falácia da política neoliberal, outras são necessidades reais da relação ensino-aprendizagem, como as capacidades de segurança e autoridade docente, são exercidas por conta da competência profissional.

Em Freire (2018), os estudos do educador nos levam a compreender que o professor precisa estudar, buscar formações e trabalhar com esforço para desenvolver uma prática educativa democrática. O autor explica:

Isso não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 2018, p. 90).

A competência profissional está em conter formações, continuar estudando, ter segurança, autoridade e generosidade; em meio aos processos e relações abertas para o ensino e a aprendizagem. Pois, “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 2018, p. 90).

Outra questão fundamental, é a liberdade, que se junta a segurança, a generosidade e a autoridade na compreensão da competência profissional, a liberdade parte da autoridade democrática, mas deve ser construída no interior da autonomia, embora com elementos externos.

Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a

liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que embora vindos de fora de si, reelaborados por ela, a *sua autonomia*. É com ela, a autonomia penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua *dependência*. Sua autonomia que se funda na *responsabilidade*, que vai sendo assumida (FREIRE, 2018, p. 91-92, grifos do autor).

Diante da liberdade, a prática docente tem a responsabilidade de educar para questionar, investigar e criticizar as realidades. Por isso, é necessário respeitar o trabalho docente e os professores, para que estes possam cumprir sua função de educador. As relações entre professores e estudantes, escola e comunidade, competência e emancipação, são complementares, juntas reinventam o homem na construção da sua autonomia.

A autonomia, enquanto emancipação, requer a análise das condições de nossa prática e de nosso pensamento. Porém, significa também uma crítica das demandas da comunidade. Se antes víamos a autonomia enquanto um processo de mediação, de reconstrução das decisões profissionais em uma prática de relações, agora necessitamos também da análise crítica das demandas sociais (CONTRERAS, 2012, p. 222).

Contreras (2012), trabalha na perspectiva de incluir na autonomia profissional, além da precisão de interceder junto aos conflitos, existe a necessidade de cultivar o afastamento crítico em relação aos interesses da sociedade, para analisar e confrontar os interesses sociais conflituosos e evitar que a educação seja um espaço apenas de reprodução, e assim ultrapassar os limites que anulam a autonomia.

Neste sentido, a autonomia deve ser entendida como a independência intelectual que se justifica pela ideia da emancipação pessoal da autoridade e do controle repressivo, da superação das dependências ideológicas ao questionar criticamente nossa concepção de ensino e da sociedade. Esta posição crítica, ao transformar-se em um

processo de emancipação para os professores, torna possível que estes desempenhem o papel de distanciamento crítico que estão obrigados a cumprir em relação à cultura cívica que ensinam na escola (CONTRERAS, 2012, p. 223).

Decisões unilaterais na educação não constituem programas preocupados com o ensino e aprendizagem, a defesa da instrução cívica segmentada, não contribui para construção de valores suficientes a vida em sociedade. Deste modo, os professores têm que desenvolver uma prática fundamentada e voltada a toda sociedade.

A ampliação da autonomia na profissão docente, inclui a construção de relações sociais e escolares pautadas na justiça, no respeito, na luta contra a hegemonia de determinadas culturas dominantes. Mas, as decisões profissionais devem ser organizadas junto aos projetos políticos que possibilitam todas as pessoas e culturas se desenvolverem e compartilharem dos conhecimentos das construções sociais.

Defender, nesse caso, a autonomia dos professores é defender um programa político para a sociedade e um compromisso social com a profissão. E apenas sob este programa, isto é, em benefício de uma democratização maior da sociedade, de suas estruturas e das novas gerações, de suas experiências e aprendizagens escolares, pode-se sustentar uma concepção da autonomia que possa em algum momento opor-se ou resistir às demandas da sociedade (CONTRERAS, 2012, p. 224).

A emancipação docente é antes de tudo a superação da aceitação e da dominação, seja através do pensamento crítico, ou da resistência. É um saber construído a partir da prática, do diálogo, do respeito à diversidade, do conhecimento e dos movimentos sociais.

Por fim, compreende-se que o conjunto de saberes necessários à autonomia docente convivem interligados, e precisam permanecer em constantes pesquisas, análises, reconstruções e organizações normativas. O

desvelamento de cada um pode acontecer mediante à prática docente consciente.

A consciência crítica e a prática educativa permitem a construção do saber ético, político e estético; que por sua vez, junto ao movimento docente ascendem as autorias criativas; as quais possibilitam o desenvolvimento da competência profissional, rumo à emancipação pessoal e social; todos os saberes em debates culminam de fato, na verdadeira autonomia docente.

A emancipação não acontece apenas pela educação, pois requer mudanças na estrutura econômica social, mas a educação pode contribuir com o processo emancipatório dos indivíduos e sociedade.

CONSIDERAÇÕES

Os currículos escolares são estruturados sob referências normativas e teorias pedagógicas, que determinam os conteúdos do ensino e implicam no modo como o professor deve ser na escola e na sociedade, ou seja, as teorias educacionais e organizações curriculares acabam constituindo a autonomia no trabalho docente conforme suas necessidades.

Para tanto, é preciso superar a autonomia ilusória implicada pelas teorias curriculares tradicionais, o professor não pode ser apenas um especialista em alcançar objetivos programados por um sistema, isso gera uma incapacitação política, em que reduz a relevância da obrigação moral e educacional à instrumentalização.

Nos artifícios educativos, deve-se romper com os aspectos da racionalidade técnica, da organização do ensino apenas para atender aos interesses do mercado, bem como, superar às imposições da cultura dominante e das concepções internacionais, entre outros problemas que interferem nas organizações do ensino e, conseqüentemente na autonomia docente.

As identidades de professores ligados às lutas sociais podem suscitar algumas inovações na cultura, na educação, nos processos de ensino e aprendizagem em geral. No entanto, a existência do trabalho livre, da autonomia docente e outras práticas sociais não acontecem somente pela educação escolar.

Para concretizar a emancipação social, necessita-se de transformações no sistema econômico da sociedade capitalista. No entanto, Freire (2018, p. 105) ressalta que, a tomada de decisões centrada em práticas estimuladoras da liberdade, remete ao amadurecimento da autonomia docente, do 'ser para si', ninguém é sujeito da consciência do outro, mas aos poucos as transformações acontecem e se fazem em comunhão.

Portanto, a autonomia docente enquanto processo coletivo, requer consciência para si e entender que a transformação deve ser em toda estrutura social, até abranger toda sociedade e se fazer presente em cada sujeito. A dificuldade maior, é constituir um trabalho livre e emancipado, para que tais colocações sejam concretizadas.

Enquanto isso não se consolida, resistimos com ações pontuais na educação escolar, na pesquisa acadêmica e nos movimentos sociais, seja discutindo categorias relevantes, como a autonomia docente, para o conhecimento da realidade vivente; ou participando das decisões e organizações do ensino e aprendizagem na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel G. **Indagações sobre currículo**: educandos e educadores: seus direitos e o currículo. Organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, DF, 2018. 600p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 24 de março de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 14. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CANDAU, Vera Maria. **Didática**: entre saberes, sujeitos e práticas. Campinas: Junqueira & Marin Editores, 2012.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**; tradução Sandra Trabucco Valenzuela; revisão técnica, apresentação e notas à edição brasileira Selma Garrido Pimenta. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 56. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 10 imp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CONVERSAÇÕES SINDICAIS: A PRÁXIS EDUCATIVA DE PAULO FREIRE COMO INSTRUMENTO DE LUTA DOS(AS) TRABALHADORES(AS)

Alexandre Félix Silva³
Luisa Maria da Silva Sousa⁴
Sheila Maria Gonçalves da Silva⁵

RESUMO

O presente artigo apresenta a experiência de um grupo de estudos denominado Conversações Sindicais com foco analítico e discursivo sobre a obra de Paulo Freire bem como de obras que tratam do universo educativo eminentemente freiriano. O objetivo do grupo de estudos estabelece um debate em torno da instrumentalização teórico-metodológica da práxis educativa freiriana em contribuição à luta dos trabalhadores e trabalhadoras na organização sindical.

Palavras-Chaves: Práxis Educativa. Movimento Sindical. Reflexão e Ação.

³ Mestre em Educação e Ensino (MAIE/FAFIDAM/FECLESC/UECE)

⁴ Pedagoga (UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL)

⁵ Mestre em Educação e Ensino (MAIE/FAFIDAM/FECLESC/UECE)

INTRODUÇÃO

A Classe Trabalhadora no século XXI, em plena Era da Globalização, está cada vez mais fragmentada, mais heterogênea e ainda mais diversificada. As mutações no Mundo do Trabalho são ainda mais complexas quando se trata da necessidade de educação permanente desses(as) trabalhadores(as).

A relevância deste ensaio se justifica, portanto, na identificação de problemáticas existentes nos saberes profissionais de trabalhadores e trabalhadoras municipais de Quixadá (CE), dentro da ambiência do quadro de sindicalizados(as) do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Quixadá, Ibaretama, Banabuiú, Choró e Ibicuitinga no tocante a refletir sobre os conhecimentos, competências e habilidades desses(as) trabalhadores(as) em face de uma Epistemologia do Conhecimento eminentemente freiriano que se viabiliza a efetivação de atitudes de insurgência e resistência frente às lutas na defesa de seus direitos e de sua identidade como trabalhador(a) em seu cotidiano.

O Grupo de Estudos “Conversações Sindicais com Paulo Freire” é uma contribuição teórico-metodológica na tentativa de levar ao(à) trabalhador(a) um portfólio de discussões com claro foco na construção de realidades onde a práxis educativa libertadora atua como dinamizador de conflitos em busca de soluções no cerne do Mundo do Trabalho.

Conversações Sindicais com Paulo Freire

O Grupo de Estudos “Conversações Sindicais com Paulo Freire” apresenta em sua realização pressupostos do método e da didática freiriana como opção para o estabelecimento de um ambiente de reflexão do(a) trabalhador(a) à medida que em seu cotidiano de lutas vai buscando alternativas para manter sua identidade classista ao mesmo tempo que

amplia essa ação como uma necessidade de extravasar a solidariedade de classe.

É por isso que se fala em uma pedagogia da contextualização, da pergunta, da investigação temática, da práxis enquanto instrumento de luta, asseverando pois nesses encontros pedagógicos uma didática da acolhida e da gratidão entre os pares.

A opção pela Educação como prática de construção da liberdade se insere no debate do estabelecimento de um combate à uma educação colonizada de trabalhadores(as).

A interface de luta deve privilegiar uma pedagogia decolocial em que atitudes progressistas, freirianas por assim dizer, sejam a práxis de luta no cotidiano da organização sindical.

Precisamos avançar depois do diálogo e da construção do conhecimento enquanto ato pedagógico libertador, para a organização da práxis coletiva. Pensar a ação concreta é estabelecer o ato-limite, que enfrenta e supera as situações-limites. A pedagogia da práxis implica na ação-reflexão-ação como processo de descoberta coletiva do mundo, do pronunciamento do mundo que queremos, da concretização dos atos-limites transformadores, da superação das situações-limites e da projeção dos inéditos viáveis. A leitura do mundo nos permite projetar a ação sobre ele, é o caminho dialético da palavramundo para a palavraação. (DICKMANN & DICKMANN, p. 110)

Desse modo, a prática discursiva do Grupo de Estudos “Conversações Sindicais com Paulo Freire” faz uma incursão crítica e reflexiva sob a ótica da Pedagogia do Oprimido, onde pondera-se, problematiza-se e se avalia a educação atual, desvelando-se, assim, as práticas que vão ao encontro de uma pedagogia libertária que caminha da opressão à emancipação de toda comunidade educativa, reafirmando-se que *“Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”* (FREIRE, 2000, p.67).

Elegeram-se como procedimento metodológico a realização de dois encontros mensais, de aproximadamente duas horas cada, às quintas-feiras, na sede do SINDSEP de Quixadá e Região. Com a pandemia da COVID-19, os encontros passaram a ser realizados de forma virtual pela plataforma Zoom, com leitura compartilhada, diálogos conjunturais e reflexões em torno da leitura e da realidade cotidiana.

A Prática Educativa na Pedagogia de Paulo Freire

Propor essa reflexão sobre a educação nos horizontes conceituais de Paulo Freire é um desafio inesgotável. Com esse intuito, delimitamos caminhos, almejamos metas e, ao mesmo tempo, alcançamos o reconhecimento de que a empreitada por nós aceita não visa à completude, mas à complexidade; não visa à certeza, mas à dúvida; não visa à chegada final, pois cada chegada é uma nova partida; é um desafio a que nos apegamos mais como quem os indaga do que propriamente como quem um dia possa ter tido a ousadia prepotente de querer abarcá-lo.

Coreth (1973, p. 102) diz que:

Assim, a compreensão se move numa dialética entre a pré-compreensão e a compreensão da coisa, em um acontecimento que progride circularmente, ou melhor, em forma de espiral, na medida em que um elemento pressupõe o outro e ao mesmo tempo faz com que ele vá adiante; um medeia o outro, mas continua a determinar-se por ele.

O professor André Gustavo Silva, na sua pesquisa doutoral acerca do pensamento pedagógico brasileiro produzido na década de oitenta, entende que o pensamento freiriano passou por fases distintas:

A fase personalista, “Educação como prática da Liberdade” (1967) e “Pedagogia do Oprimido” (1969),

fase marcada pelo conceito de comunhão e diálogo radical; a fase neomarxista, marcada por sua experiência na África, pelo retorno ao Brasil por seu envolvimento partidário. Poderíamos identificar uma terceira fase, marcada pelo balanço crítico dos seus primeiros escritos e pela incorporação da ecologia como tema de reflexão (SILVA, 2007, p. 190).

Segundo Silva (2007), dentre as mais diferentes obras de Paulo Freire, observamos a seguinte obra fundante na elaboração do seu pensamento: *Pedagogia do Oprimido* (1970); Já a obra ampliadora é *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos* (1975). E por último, a obra de complementaridade que vem a ser *Pedagogia da autonomia* (1997).

No cotidiano da organização sindical, por exemplo, a interface de luta deve privilegiar uma pedagogia decolonial em que atitudes progressistas, freirianas por assim dizer, sejam a práxis dos sujeitos envolvidos.

Precisamos avançar depois do diálogo e da construção do conhecimento enquanto ato pedagógico libertador, para a organização da práxis coletiva. Pensar a ação concreta é estabelecer o ato-limite, que enfrenta e supera as situações-limites. A pedagogia da práxis implica na ação-reflexão-ação como processo de descoberta coletiva do mundo, do pronunciamento do mundo que queremos, da concretização dos atos-limites transformadores, da superação das situações-limites e da projeção dos inéditos viáveis. A leitura do mundo nos permite projetar a ação sobre ele, é o caminho dialético da palavramundo para a palavraação. (DICKMANN & DICKMANN, p. 110)

Desse modo, faz-se uma incursão crítica e reflexiva sob a ótica da obra fundante *Pedagogia do Oprimido*, onde pondera-se, problematiza-se e se avalia a educação atual, desvelando-se, assim, as práticas que vão ao encontro de uma pedagogia libertária que caminha da opressão à emancipação de toda comunidade educativa, reafirmando-se que “Se a

educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67).

No livro “A Pedagogia do Oprimido”, obra fundante freiriana, vemos que “Paulo Freire é um pensador comprometido com vida: não pensa ideias, pensa a existência”. “E nessa perspectiva que foi se constituindo o grande educador, compreendendo que a educação precisa seguir a mesma dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem” (In FREIRE, 1979, p. 8).

Freire pensou a pedagogia, a educação, toda a “práxis” humana visando garantir a “prática da liberdade”; sua proposta pedagógico-política coerentemente se colocou a serviço de quem via suas vidas “quase coisas”:

Assim, “pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando - ‘método de conscientização.’” (Ibid, p. 9).

Já na obra ampliadora “Ação Cultural para a Liberdade” vemos que a práxis freiriana se configura na percepção de que para falar sobre ação cultural para a liberdade, Freire inicia tecendo considerações sobre o ato de estudar, e é o próprio que afirma: “Estudar é, realmente, um trabalho difícil” (FREIRE, 1978, p. 08). Sendo um trabalho considerado difícil pelo próprio Paulo Freire, carrega em si exigências para enfrentar tal trabalho.

E por fim, na obra complementar freiriana “Pedagogia da Autonomia”, vemos que o autor nos fala sobre as práticas educativas dos educadores, qualquer que se seja a cor política e ideologia dos educadores e dos educandos. Mostrando que as ações dos educadores necessitam estar interligadas com a realidade dos educandos enquanto sujeitos do processo de educação. Onde sempre a teoria e a prática devem estar inteiramente conectadas, uma completando a outra, conquistando a praxis, oportunizando aos educandos e os educadores um processo de aprendizagem dialética.

O educador coloca-se na posição enquanto mediador nos espaços educativos, formando sujeitos críticos e autocríticos reflexivos e não imitador de ideias. Entendendo que a noção de educar pode ser vista com novas transformações e idealizações, a partir das trocas recíprocas de conhecimentos, percebendo que o educando também se coloca na posição de sujeito de produção de saberes e não como um objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram realizadas duas temporadas do grupo de estudos. A primeira, que começou em setembro de 2019, trabalhou nos encontros o livro “50 Olhares sobre os 50 Anos da Pedagogia do Oprimido”, escrito por vários autores.

Na segunda temporada, o livro de Paulo Freire “Educação como Prática da Liberdade” foi a obra de estudos, análises e reflexões. A participação de trabalhadores(as) e pessoas da comunidade tem sido profícua e gerado discussões sob à luz da resistência freiriana.

A leitura dialogada e coletiva tem sido uma opção metodológica rica onde todos protagonizam momentos de construção de saberes da luta e da vida diária.

Para os participantes do Grupo de Estudos “Conversações Sindicais com Paulo Freire”, os debates sobre a obra do escritor pernambucano representam uma fonte de construção de identidade pessoal, social e profissional, valorizando o trabalho humano como sendo a expressão da relação homem/mulher/natureza e da produção de cultura e história.

Conclui-se, pois, que a formação do(a) trabalhador(a) em Freire é uma práxis social concreta e historicamente determinada, que se constitui, em nível epistemológico, numa relação dialética entre sujeito e o conhecimento na busca de ser mais.

REFERÊNCIAS

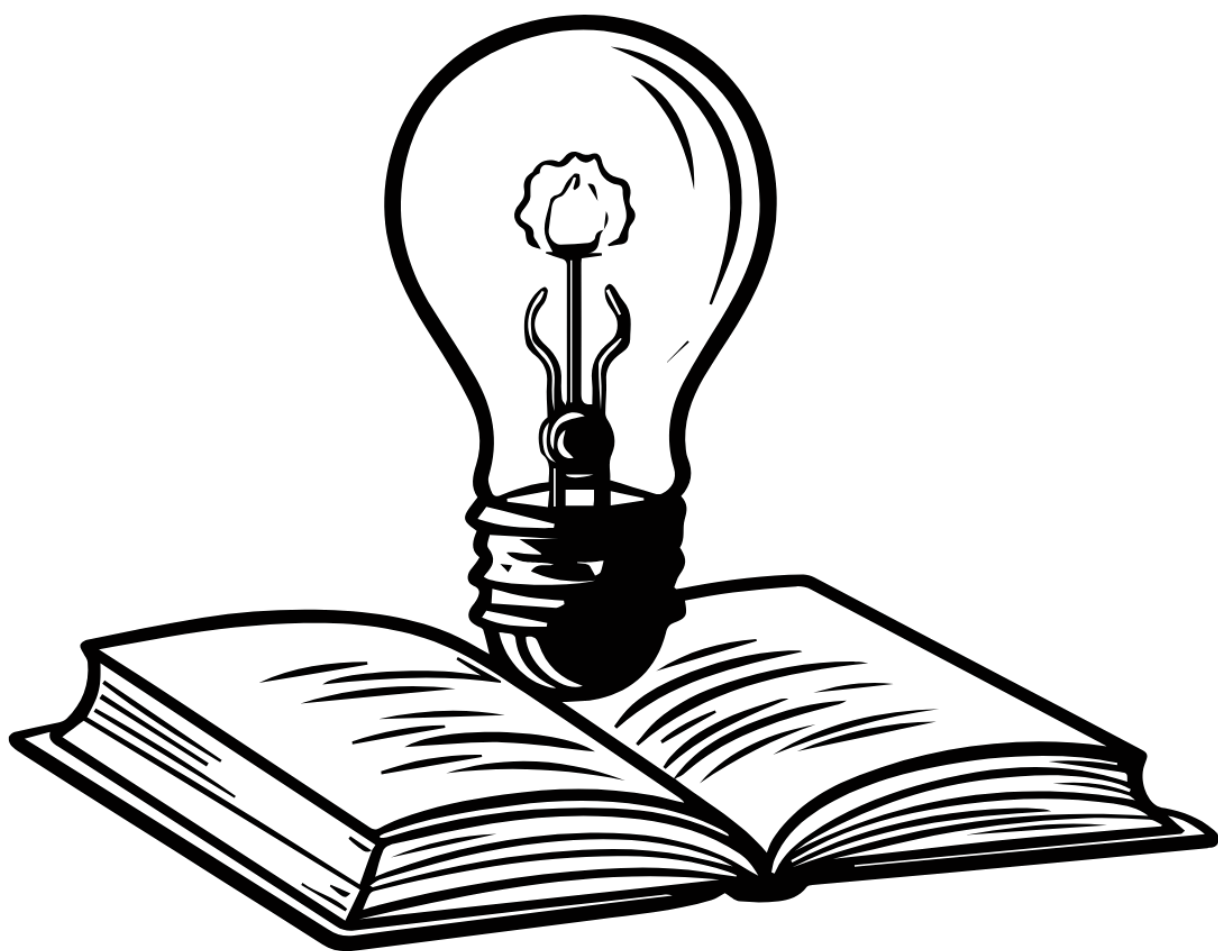
DICKMANN, Ivo. Dickmann, Ivanio. **Paulo Freire: método e didática**. v2 I. ed. Chapeco: Livrologia, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Paz e Terra, 1967.

PADILHA, Paulo Roberto [et al.]. **50 olhares sobre os 50 anos da pedagogia do oprimido**. 1. ed. -- São Paulo : Instituto Paulo Freire, 2019.

PARTE II

CARTAS PEDAGÓGICAS



CAMINHAR COM UM OLHAR NO FUTURO

EVANEUTON DOS SANTOS FERREIRA

Prezado Paulo Freire,

Não há caminhada sem sacrifícios. Sem os percalços do caminho e da convivência, além dos do contexto histórico, políticos e circunstâncias. Apesar de tudo, posso dizer que tivemos uma caminhada tranquila e de muita aprendizagem significativa ao longo do curso "LIDERANÇAS CONECTADAS".

Podemos tirar dos longos debates, leituras e momentos avaliativos deste curso, aprendizagens para a vida pessoal e profissional, onde nosso foco foi primordial. No campo vital, pessoal, podemos nos tornar pessoas mais humanas frente às discussões e legados do senhor.

Enquanto no campo vital profissional podemos contar com a grande colaboração do legado freiriano no nosso fazer pedagógico de maneira mais consciente e atuante no direcionamento de uma educação mais voltada para a vida como um todo e prática.

A abordagem geral do curso nos conduz para uma prática de mais empatia e valorização do ator principal do nosso processo, o aluno, portanto. Isso sendo "temperado" com uma abordagem mais voltada para a Pedagogia do Oprimido, onde se busca despertar a consciência crítico-participativa do educando, saindo da condição de oprimido para o consciente dos seus direitos. Ou seja, a visão de EDUCAÇÃO LIBERTADORA que o senhor nos deixou fez de nosso curso um divisor de águas na nossa trajetória profissional.

Grato por tudo!

A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

FRANCISCO VALNEIS SILVA DE ALMEIDA

Querido Paulo Freire,

A formação de educadores é um tema amplamente discutido por Paulo Freire, sob diferentes ângulos. A sua construção sobre esse tema derivou-se, ao mesmo tempo, de inspirações de sua prática, de diálogos que manteve com educadores em redor do mundo e de suas convicções sobre a relevância da formação no ato de educar.

Freire discute formação de educadores no conjunto de sua obra, em meio a tramas conceituais nas quais várias categorias do seu pensamento se entrelaçam: diálogo, relação teoria-prática, construção do conhecimento, democratização e outras, em uma moldura que mostra, com clareza, a politicidade da educação.

É possível afirmar que desde os seus primeiros escritos, Freire vai elaborando a sua concepção do saber fazer docente, quer dando ênfase aos fundamentos políticos, filosóficos e antropológicos de sua proposta, construindo, pois, o cenário para a compreensão da prática docente, quer aprofundando, em obras das décadas de 1980 e 1990, núcleos temáticos específicos relacionados ao ensinar-aprender e à formação dos educadores. E, especialmente, nas publicações: Medo e Ousadia – o cotidiano do professor (1987), Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (1993b), A educação na cidade (2001), Política e Educação (1993a), e, sobretudo, em Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente (1996).

ENQUANTO EU LUTO, SOU MOVIDO PELA ESPERANÇA; E SE EU LUTAR COM ESPERANÇA, POSSO ESPERAR

IMACULADA MARA DOS REIS MENEZES

Prezado Paulo Freire,

Há quem pense que os que gostam de escrever têm o dom das palavras, e que para estes as palavras "saem mais fácil". Não é verdade. Escrever não depende de dom, mas de empenho, dedicação, compromisso, seriedade, desejo e crença na possibilidade de ter algo a dizer que vale a pena. Escrever é um procedimento e, como tal, depende de exercitação: o talento da escrita nasce da frequência com que ela é experimentada. No entanto, venho a escrever por meio desta carta, um pouco de suas contribuições em minha vida profissional.

A minha escolha em ser professora foi uma das melhores que já fiz até hoje. Quando digo isto às pessoas sinto os meus olhos brilharem, irradiarem uma energia que talvez cause até espanto. Até entendo o porquê disso. É um privilégio ser feliz naquilo que se faz, diante de um mercado de trabalho tão seletivo e injusto, que impõe tantas e tantas dificuldades. Não quero dizer com isto que a educação me oferece as melhores condições de trabalho, me deixa plenamente feliz. No dia-a-dia do meu exercício sinto os problemas como qualquer outro profissional, que vão desde salários super baixos, até os problemas relacionados ao trabalho propriamente dito. No entanto, procuro lutar juntamente com os outros colegas para encontrar saídas, soluções viáveis para tais problemas como a mera alfabetização tradicional, baseada principalmente no uso da cartilha, que rejeita categoricamente no aprendizado da leitura e da escrita. O educador defende e incentiva o posicionamento do não alfabetizado no meio social e político em que ele vive, ou seja, no seu contexto real.

Desta forma, acredito, que é possível acordar a consciência do aluno para que ele seja capaz de exercer seu papel de cidadão e se habilitar a

revolucionar a sociedade. Assim, o letrado pode transcender a simples esfera do conhecimento de regras, métodos e linguagens, e ser então inserido na esfera socioeconômica e política da qual fora excluído.

O domínio das letras e das palavras é um instrumento para que o alfabetizado elabore sua consciência política, conquistando um ponto de vista integral do saber e do universo que habita. O seu ideal, brotou justamente do ambiente no qual ele foi criado; nascido no Recife, conhecia bem a realidade do Nordeste do país, e durante os anos 50 elaborou seu método. Nesta época a região nordestina abrigava um número elevado de analfabetos, pelo menos metade de seus moradores, uma consequência direta do período colonial e de um contexto de repressão, tirania, restrições e carências ilimitadas. Sua metodologia é, portanto, fruto de muito tempo de gestação e meditações no âmbito da pedagogia.

Tomando suas metodologias e experiências educacionais para minha vida profissional, posso me posicionar ao lado de meus aprendizes para que juntos possamos organizar as atividades desenvolvidas na sala de aula, todas baseadas no debate de temáticas sociopolíticas, inerentes ao contexto vivenciado por eles. Assim, seu método não age apenas no circuito educativo, mas também na economia, na política e nas demais esferas da vida em sociedade.

Se tratando do método de educação libertadora, mais propriamente dito, os três estágios: investigação, tematização e a problematização. Sabendo disso, se torna mais fácil aplicar a educação interdisciplinar, com o grande objetivo da libertação dos oprimidos, ou seja, a humanização do mundo por meio da ação cultural libertadora, evitando a lógica mecanicista que considera a consciência como criadora da realidade, e o mecanismo objetivista, que considera a consciência como cópia da realidade. Baseando-se em sua história e vivências aplicadas, acredito que uma corrente pedagógica seja praticada em cinco fases. Primeiro, uma avaliação das

condições linguísticas dos alunos, sempre com a aceitação da linguagem de cada um; segundo, a seleção de determinados vocábulos, conforme sua importância fonética, o nível de dificuldades e seu papel sociocultural e político para o grupo em questão; no terceiro momento privilegia-se a elaboração de contextos vivenciais típicos da comunidade abordada, para que os alunos aprendam a analisar criticamente as questões levantadas no contexto em que vivem. A quarta etapa se resume à elaboração de fichas que atuam como roteiros para as discussões, sem que elas necessariamente sejam adotadas enquanto preceitos inflexíveis; a quinta fase consiste, enfim, na produção de cartões com palavras que deverão ser decompostas em grupos fonéticos congruentes com os vocábulos criadores.

Por fim, Paulo, sigo estudando e aprendendo, pois mestre que estende a mão, tem o diálogo da nova caminhada para a aventura da vida. Faz germinar a missão de ensinar não só letras, mas paz, solidariedade, coragem e esperança de dias melhores e de um novo amanhã que virá. Despeço-me com gratidão e orgulho de ser quem eu sou, a profissional a qual me tornei baseando-se sempre em seus métodos de educação.

Para finalizar Paulo, concluo, com uma frase sua: “Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Com carinho,
Imaculada Mara dos Reis Menezes.

AO EDUCADOR PAULO FREIRE

ARCELINO GOMES DE ALMEIDA NETO

Prezado Paulo Freire,

É com imensa gratidão que lhe remeto essa carta. Diante do fato do professor não me conhecer, faz salutar que eu me apresente. Meu nome é Arcelino Neto, nascido e residente em Quixadá, cidade situada na região do Sertão Central do Estado do Ceará com distância de 162 km da capital Fortaleza.

Sou servidor público da Prefeitura Municipal de Quixadá, onde exerço o cargo de vigia. Sou graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Ceará - Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, filho de uma professora e um autônomo aposentado.

Trago ao Professor a satisfação da aprendizagem que pude compartilhar no curso Lideranças Conectadas ofertada pelo SINDSEP - Sindicato dos Servidores Públicos dos Municípios de Quixadá, Banabuiú, Choró, Ibaretama e Ibicuitinga, onde no curso tratamos a atualidade do pensamento de Paulo Freire.

E é daqui que, compartilho esse escrito com o professor. Ser docente no Brasil não é fácil e ser discente menos ainda. Assim como o senhor, eu também fui educado por uma “educação bancária”, sem o direito de reflexão sobre o que era tratado em sala de aula.

Ao ingressar na vida acadêmica logo percebi isso, apesar, de algumas vezes, a própria faculdade querer me impor o método estudado anterior.

Durante o curso pude constatar que este tipo de educação pautada no elitismo, onde o conhecimento é um privilégio do baronato já não cabe mais. O docente já não é mais visto como um mero reprodutor do conhecimento e nem o discente como um mero passivo em sala de aula. O processo ensino-

aprendizagem se dá de forma a compreender realidade de vida do aluno e no meio que vive. Isso graças a seu método. E por isso, sou eternamente grato ao senhor.

Hoje, pensamos a escola como um processo de desenvolvimento do ser ao longo da sua vida, onde a educação liberta, transforma e une.

No Brasil de hoje, seus pensamentos são ainda muito atuais e libertadores. Vivemos um período de truculências e ataques à educação.

A alienação tem se mostrado muito generalizada no país atual, onde a violência e o individualismo tendem a impedir qualquer reação, mas lutamos dia a dia rompendo a opressão elitista.

Durante o curso pude compreender melhor seu método e o quão libertador para o individuo pode ser a educação.

No Brasil de 2016 até o presente vivemos retrocessos, não está sendo fácil. Depois de um período (2002-2016) com grandes conquistas em varias áreas como: educação, saúde, trabalho, lazer e etc., temos a austeridade dos direitos conquistados.

Mas, durante o curso, com temas atuais e libertadores senti que temos que lutar mais ainda para nos libertar.

Minha vida mudou pessoal e profissionalmente ao longo do curso. Compreender o processo de alienação e opressão foi fundamental para que eu pudesse buscar a libertação e passar a ser um agente transformador na sociedade.

Sou eternamente agradecido e satisfeito a todos que organizaram o curso. Agradeço as pessoas da Presidenta do Sindicato professora Neiva Esteves, à Secretária de Formação professora Sheila Gonsalves, aos tutores do curso professor Alexandre Félix e professora Luisa Sousa e a todos os demais professores, colaboradores e alunos do curso.

Atenciosamente,
Arcelino Neto.

O EDUCADOR SE ETERNIZA EM CADA SER QUE EDUCA

MARIA ALDENE DOS REIS MENESES

Caro amigo Paulo Freire,

Ao sondar no armário da memória algum fato para relatar-lhe a respeito de feitos pedagógicos, políticos, artísticos etc., ocorridos em intervenções docentes em minhas próprias experiências as quais vivenciei, vieram-me várias lembranças significativas e, acredito que, por todas as nossas experiências educacionais, teremos muitas alternativas para desenvolver diálogos intermináveis no decorrer da escrita dessa carta. O que, aliás, é para mim muito instigante e prazeroso, por muitos motivos: por poder dialogar mais demoradamente com você, que admiro como pessoa e profissional; algo que me encanta; pelo fato de refletir e expor aspectos relevantes sobre educação, em seus métodos aplicados na educação básica.

Sou suspeita a falar, pois tenho considerações suficientes a respeito de suas teorias e metodologias, e baseada nelas afirmo que: O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade, razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade, o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

Paulo Freire (2001, p. 2), em carta aos professores brasileiros, em 1993, pouco tempo depois de sua experiência na condução da Secretaria de Educação de São Paulo (Seed), afirmou: O fato, porém, de que ensinar, ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo.

Se falando em práticas pedagógicas, é muito comum que a realidade dos nossos alunos e aquelas experiências diárias que trazem de casa não sejam consideradas. Estamos ali para examinar os conhecimentos, e não avaliá-los. Utilizamos ferramentas quantitativas para medir se o que passamos foi aprendido ou não. Contentamo-nos muitas vezes com módicos resultados, e por dentro procuramos afirmar que o nosso objetivo foi alcançado. Quantas vezes temos situações que nos desestimulam... Alunos que nos desafiam em sala... Atitudes desrespeitosas que nos fazem voltar para casa desestimulados... Todos nós passamos por isso. E na maioria das vezes nos desencorajamos e não mudamos. Usamos as vestes do continuísmo e seguimos nossas jornadas. Temos uma profissão tão importante. Somos a semente de bons médicos, de bons engenheiros, advogados... Temos o papel determinante na composição da sociedade. As ideias que trazemos para a sala de aula, amanhã serão reproduzidas, sejam elas boas ou ruins. Podemos então provocar mudanças na realidade. E a esperança não pode morrer. Os ideais, a ansiedade de entrar na sala de aula não pode acabar nunca. É preciso perceber que algo novo vai acontecer a cada dia e que a rotina pode ser vencida, basta buscarmos novos métodos para que isso dê certo. Não se trata somente de vocação, mas sim de gostar daquilo que faz. A competência para uma determinada função é construída no dia a dia. Os espaços a nossa volta, são espaços de construção do conhecimento, que deve ser coletivo e, sobretudo prático.

Estava pensando, Paulo, se não poderíamos terminar nossa conversa discutindo a intuição e a imaginação. O método dialógico enfatiza o

pensamento crítico e a politização, a consciência histórica e a transformação social. Você falou várias vezes no “sonho” do professor, que tornamos real com nossa ação. Será que eu poderia começar, agora, falando sobre a imaginação e a intuição como recursos para a educação libertadora, que o professor pode levar à aula na segunda-feira de manhã? A imaginação e a intuição são recursos importantes para o ensino libertador. A cultura de massa predominante define o modo como as pessoas pensam sobre o passado, o presente e o futuro. A imaginação das pessoas é fiscalizada, como uma forma de controle de seu exercício do poder político. A ordem atual da sociedade pode ampliar sua hierarquia para o futuro na medida em que domine o processo político, inclusive a imaginação política. Parte do projeto de transformação social implica antecipar uma sociedade diferente da que temos agora. Para evitar isto, a cultura de massa envolve a consciência com mitos e imagens que bloqueiam a capacidade de imaginar alternativas, de antecipar uma história diferente da que vivemos agora.

Portanto, para encerrar, para mim, você veio, é isso mesmo, você veio me fazer entender que o compromisso com as crianças e jovens deste país necessita de ações educativo-pedagógicas que propiciem o aprimoramento não só da qualidade de vida deles, pela ação docente a que são sujeitos pela mão dos profissionais da educação, como também pelo aprimoramento constante da relação educativo-pedagógica que esses mesmos profissionais necessitam construir por meio do relacionamento com aqueles compreendidos, a partir do seu trabalho.

Com gratidão,

Maria Aldene dos Reis Meneses.

O ESPAÇO ESCOLAR DINÂMICO DE CRÍTICA E DE DIÁLOGO PERMANENTE

LIDUÍNA FERNANDES DOS REIS

Prezado Paulo Freire,

Espero que encontre você bem e feliz. Todos os seus temas e assuntos me fascinam, como algo inerente a minha própria condição de ser, mas foi ao encontro de seu pensamento e na sua abordagem em especial, que encontrei similaridade na maneira de refletir sobre a educação.

As questões mencionadas nas suas obras, que surge como intuito de ultrapassar as amarras feitas por uma sociedade desigual. Sou imensamente grata por encontrar em seu pensamento algo novo, uma linha moderna. Capaz de me fazer refletir. Diante dos olhos de quem busca justiça entre tantos oprimidos. O aprender e o ensinar são tarefas que exigem este dinamismo decorrente do aprender e do ensinar com uma visão crítica e sempre reflexiva. O espaço onde alguém ensina aprendendo e outro aprende ensinando deve ser libertador, não alienante, mas uma libertação autêntica. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Segundo você mesmo na educação, educadores e educandos devem todos! Ser “instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. Aqui, Paulo, a professora ou o professor não confunde autoridade com autoritarismo. A autoridade mostra-se na segurança que se expressa na firmeza com que atua com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se.

Todavia, o encontro com você, Paulo, representa um dos mais encantadores momentos de minha viagem na docência e na vida. Contudo, a partir de você, me reconheço um ser humano melhor, empenhada em fazer, dia a dia, uma educação melhor.

E nessa função, de educadora, repito que tomo a liberdade de escrever. Sobre a docência que habita em mim, e sobre como o encontro com você me deixa marca que movimenta e alimenta essa reflexão, produzindo mudanças no meu “fazer docente” e no meu “ser gente”.

Com gratidão,

Liduína Fernandes dos Reis

PAULO FREIRE E A TRANSFORMAÇÃO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

LUCIVALDA FERREIRA DA SILVA

É com muito carinho que tomo a liberdade de escrever esta carta a você Paulo Freire, para expressar meu sentimento de alegria e gratidão pela sua contribuição no meu caminhar em sala de aula, no meu fazer pedagógico, haja vista que, hoje estou aposentada.

Embora não estando exercendo a função, sinto a necessidade de estar buscando novos conhecimentos, novos saberes, ou seja, me manter conectada com o mundo e a sociedade como um todo e os cursos do qual participo que são Conversações Sindicais e Lideranças Conectadas onde o foco das discussões e debates é você, confesso que está sendo de grande valia no meu currículo.

É, a vida de educadora comprometida com uma educação de qualidade é um caminhar, e é nesse caminhar que busquei um trecho da canção de Caetano que é: “Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento, o sol de quase dezembro eu vou”, e foi nesse ir, nesse caminhar, que continuei a trilhar caminhos em busca de um ideal, o de transformar e ampliar minha prática para assim da melhor forma atender aos educandos, preparando-os para um futuro próximo.

É bem verdade quando você diz a educação não é a alavanca de transformação social, mas sem ela essa transformação pouco acontece.

Finalizo esta carta em foco no livro Pedagogia do Oprimido baseado num trecho desse livro, quando você diz "Como professores temos que estar engajados num palco permanente de lutas". É nesse palco da construção do saber que nos propomos a lutar por nossos ideais, por nossos direitos que hoje estão sendo violados.

Com carinho,
Lucivalda Ferreira da Silva.

EDUCAÇÃO SE FAZ APRENDENDO A ENSINAR E ENSINAR A APRENDER

ANA CLÁUDIA DA SILVA REIS RIBEIRO

Caro Paulo Freire,

Apresento-me como professora alfabetizadora, preocupo-me em formar meus alunos que se tornem cidadãos críticos, ativos e participativos, procuro facilitar o conhecimento gerando desta forma novas aprendizagens, através dos seus conhecimentos prévios advindos das experiências de vida do educando.

Faço minhas suas palavras quando diz: “Ninguém educa ninguém; ninguém se educa sozinho; os homens se educam em comunhão”. Acredito que o papel do professor não como portador do saber mais como aquele que participa da aprendizagem, juntos construímos um caminho de progressos na educação.

Os avanços da tecnologia trouxeram novos desafios, porém, sua ideologia me fez acreditar em um trabalho educativo atuante de forma coerente e intencional, conhecê-lo através de seus estudos e seus discursos, foi maravilhoso, pois fortaleceu minha pessoa e minha formação profissional.

Ao ler “Pedagogia do Oprimido” me fez acreditar em uma educação libertadora, na qual os alunos são livres para reivindicar seus direitos capazes de socializar suas ideias. Nesta educação libertadora, o professor tem um papel importante como mediador da aprendizagem, oportunizando ao educando expor suas ideias, habilidades e capacidades cognitivas e sociais, transformando em um cidadão com opinião.

Fez-me compreender que uma educação não acontece de forma em que o professor ensina e o aluno apenas assimila, entretanto, é o momento em que o professor aprende ensinando, e ensina aprendendo. Todos fazem

parte desse processo, e assim, na minha vida diária aprendo com os alunos a forma mais prática de transmitir conhecimentos.

Ser professora foi uma escolha, não opção, para mim o processo de ensinar e aprender é uma conquista de uma longa jornada. Seus ensinamentos vieram a acrescentar e iluminar uma visão mais ampla da educação, vieram enriquecer e fortalecer nas lutas diárias.

Sou grata, por aprender contigo! Muito Obrigada.

NÃO SE PODE FALAR DE EDUCAÇÃO SEM AMOR

MARIA DE NAZARÉ DA CRUZ FERNANDES

Prezado senhor Paulo Freire,

Vim por estas palavras agradecer pela aprendizagem que adquiri no decorrer deste curso, bem como também expor todas as contribuições que fui capaz de obter, dando-me a possibilidade de melhorar minhas capacidades intelectuais e profissionais.

A princípio, gostaria de dizer-lhe que me sinto honrada por ter a oportunidade de adquirir estes conhecimentos, pois infelizmente os tempos não são bons para aqueles que almejam a sabedoria, e a educação nunca esteve tão fragilizada como agora. Dizemos que a educação é um direito para todos, mas infelizmente ainda são muitos os desafios a serem ultrapassados, a verdade é que a nossa educação se movimenta lentamente e às vezes tardia. O mundo está evoluindo a cada dia que passa, mas tenho em minha perspectiva que ainda falta muito para a educação acompanhar estes passos.

Tomo-me pela ideia de que há séculos o modelo em sala de aula permanece o mesmo, não há muitas mudanças. Os alunos continuam enfileirados, os professores continuam sendo mal valorizados, e poucos são aqueles que almejam o verdadeiro conhecimento. É com uma grande tristeza que percebo que a grande maioria prefere simplesmente depositar o conhecimento em seus cérebros ao invés de entendê-lo de fato. É uma falta que deve-se ainda ser reparada para que tenhamos a oportunidade de vivermos em uma sociedade de cidadãos sensatos.

Sendo assim, volto a pontuar a minha caminhada em seus estudos, e digo que sou privilegiada por tais ensinamentos, e que foi de grande importância absorver todas essas instruções, que por meio deste curso pude ter com maior clareza a perspectiva de educação repassada pelo senhor.

Percebo também que essas contribuições foram muito importantes para o meu desempenho como profissional, e também pessoal, de modo a entender com maior clareza as raízes da nossa própria educação.

A partir disso, volto a dizer que mesmo que a educação não esteja no seu maior nível, ainda tenho em mim a expectativa de que um dia todas as pessoas do mundo terão a oportunidade de conhecer o verdadeiro conhecimento. Acredito também na espera de que nossos educadores um dia terão o seu verdadeiro triunfo. E por fim, me tranquilizo na confiança de um futuro pela transmissão da sabedoria. Assim, finalizo estas palavras com uma de suas frases: "Não se pode falar de educação sem amor". E é com esperança no amor e na educação que deixo esta carta.

Atenciosamente,

Maria de Nazaré da Cruz Fernandes.

POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E EMANCIPADORA

KEILLA MARIA ALVES DE OLIVEIRA BRITO

Ao longo desse curso, que tem como pilar a educação libertadora de Paulo Freire, me proporcionou, adentrar nos seus ensinamentos de sua pedagogia, que ressalta a importância da práxis do sujeito, ou seja, a participação do homem como sujeito na sociedade, na cultura e na história, e que esta se faz na medida da sua conscientização e ao mesmo tempo da desmitificação da realidade criada pelo opressor e que foi captada pelo oprimido de forma mítica e não crítica.

E, é neste contexto que entra o papel fundamental da educação, pois, toda ação educativa deve ser precedida de uma reflexão sobre o homem, e de uma análise do meio em que vive esse homem concreto, a real educação, consiste na educação problematizadora ou conscientizadora, que ajudará na superação da relação opressor-oprimido, e tem por objetivo o desenvolvimento da consciência crítica e a liberdade como meios de superar as contradições da educação bancária, e responde à essência de ser da consciência, que é a sua intencionalidade.

O diálogo é a base desta educação, onde educador e educando, são sujeitos de um processo em que crescem juntos, pois os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

O professor deve estar engajado numa prática transformadora que procure desmitificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, e criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura.

Dessa forma, estará promovendo uma educação realmente emancipadora, onde o aluno poderá conscientemente intervir na sua realidade de forma crítica e reflexiva, modificando e transformando a sociedade.

O EDUCADOR SERÁ SEMPRE UM REFLEXO PARA O EDUCANDO

DAVI DOS REIS SOUSA

Amigo Paulo Freire,

Sou suspeito ao falar, pois tenho considerações mais que suficientes a respeito de suas teorias e metodologias, e baseada nelas afirmo que: O aprendizado se dar de forma recíproca, permanentemente disponível a repensar o pensado. Segundo você mesmo “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Amigo, vejo em suas posições que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Mas agora, ao ensinar, não como um magnata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade, razão pela qual o corpo consciente, sensível, emocionado, se junta aos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade.

E falando em práticas pedagógicas, é muito comum que a realidade dos nossos educandos e aquelas experiências diárias que trazem de casa não sejam consideradas. Estamos ali para examinar os conhecimentos, e não avaliá-los.

Utilizamos ferramentas quantitativas para medir se o que passamos foi aprendido ou não. Contentamo-nos muitas vezes com resultados, e por dentro procuramos afirmar que o nosso objetivo foi alcançado. Quantas vezes nos deparamos com situações que nos desestimulam... Alunos desmotivados e que nos desafiam em sala... Atitudes desrespeitosas que nos fazem voltar para casa desestimulados... Todos nós passamos por isso. E na maioria das vezes nos desencorajamos e não mudamos. Usamos as mesmas metodologias e seguimos nossas jornadas.

Temos uma profissão pioneira, somos a semente de bons professores, médicos, engenheiros, advogados... Temos o papel determinante na composição da sociedade. As ideias que trazemos para a sala de aula, amanhã serão reproduzidas, sejam elas boas ou ruins. Podemos então provocar mudanças na realidade. E a esperança não pode morrer. Acho que nosso ideal não pode acabar nunca.

Para finalizar Paulo, concluo, com algumas de suas frases: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.” E nós como profissionais da educação refletimos “O educador se eterniza em cada ser que educa.”

Abraço fraterno,
Davi dos Reis Sousa.

CONTRIBUIÇÕES DAS OBRAS DE PAULO FREIRE PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RENATA ALVES DOS SANTOS

Ao meu querido Paulo Freire.

Mais uma vez as contribuições de suas obras me fizeram rever minha prática como professora, pois os interesses da elite em formar futuros trabalhadores coordenaram e desencadeiam-se sobre mim uma decisão de mudar minhas estratégias de ensino, pois é dentre suas obras saberes necessários à prática educativa, sua principal ideia e formação docente aliada a uma reflexão sobre a prática educativa progressiva em favor da autonomia dos alunos, e não simplesmente ensina as teorias da matemática ou norma culta do português para o mercado competitivo e ensina a pensar a média de tantos conteúdos interligados de suas experiências de vida também para construção do pensamento crítico.

Um dos pontos que foram abordados nesse curso, a consciência sobre lutas de classes, e como podemos orientar no processo de ensino-aprendizagem dos nossos alunos levando a consciência crítica, através da mediação do professor está relacionada a forma de ensinar ou despertar o educando em outras formas de ver o mundo.

Várias vertentes do conhecimento e a partir daí construir um pensamento crítico através do que é ensinado e aprendendo e com isso a valorização do seu conhecimento trazendo suas vivências e experiências para sala de aula a contribuir muito para mudar a sociedade com alunos críticos que reconheçam o que é ensinado e para quê ensinado e como podemos fazer disso uma esperança para mudar sua realidade local.

A ARTE DE ENSINAR E APRENDER

VLÁDIA MARIA DE SOUSA LOPES

Prezado Paulo Freire,

Escrever não depende de dom, mas de empenho, dedicação, compromisso, seriedade, desejo, e crença na possibilidade de ter algo a dizer que vale a pena. Escrever é um procedimento da escrita, nasce da frequência com que ela é experimentada.

No entanto, o que venho a escrever por meio desta carta, são inúmeras contribuições essas em minha vida profissional no dia-a-dia do meu exercício de trabalho sinto os problemas como qualquer outro profissional, que vão desde salários super baixos, até os problemas relacionados ao trabalho propriamente dito. No entanto, procuro com outros colegas soluções viáveis para tais problemas como a alfabetização tradicional, baseada no uso da cartilha.

O domínio das letras e das palavras é um instrumento para que o alfabetizado elabore sua consciência política conquistando um ponto de vista integral do saber. O seu ideal brotou justamente do ambiente no qual ele foi criado. Tomando suas metodologias e experiências educacionais para minha vida profissional, por ser professora no caso, posso me posicionar ao lado dos meus aprendizes para que juntos possamos organizar e desenvolver atividades, inerentes ao contexto vivenciados por eles.

Para finalizar, sigo aprendendo, aprendente que vou sendo, menos certo de minhas certezas como você me ensinou. Aprendendo que é preciso está verdadeiramente aberta ao dialogo. Enfim, Paulo, muito venho aprendendo contigo, pela tua palavra de denúncia e de anúncio do mundo, de um mundo melhor.

Com carinho,
Vlândia Maria de Sousa Lopes.

EM AGRADECIMENTO AO MAIOR EDUCADOR DO BRASIL

MARIA ALBENIR DA COSTA DE ALMEIDA

Prezado educador,

Com reverências lhe escrevo esta carta. O nobre educador não me conhece, portanto, irei me apresentar. Meu nome é Maria Albenir, trabalhadora sindicalista, formada em agronegócio e servidora publica municipal. Moro em Quixadá, cidade do estado do Ceará, situada na região dos sertões cearenses.

Tive o prazer de conhecer seus trabalhos durante um curso que estão fazendo no Sindicato dos Servidores de Quixadá e Região. O curso chama-se: Lideranças Conectadas. Estamos na fase final do curso, módulo seis, com estudos de seus trabalhos.

Durante o curso abordamos varias temáticas que nos dias de hoje são verdadeiras relíquias, principalmente suas obras. Começamos com introdução a ferramenta que usaríamos para o curso que é o AVASIND, onde estudamos sobre comunicação, EAD, formação e comunicação, logo depois na segunda parte tratamos sobre Educação, já no módulo três abordamos o tema práticas na construção do SINDSEP, no módulo quatro era democracia participativa e temas transversais, aqui me interessei muito pelo tópico Mulheres e o Mercado de Trabalho: os desafios da igualdade e também Promoção dos Direitos Humanos de Pessoas LGBT no Mundo do Trabalho, no penúltimo módulo o tema era sobre mídias e educação e no módulo seis tratamos da atualidade do pensamento de Paulo Freire.

Com o curso pude compreender o quão importante é a democracia e a educação. Não por isso são tão atacadas hoje no Brasil. Lamento lhe falar, Paulo, mas, hoje vivemos dias sombrios na democracia brasileira e obscuridade na educação.

Seus pensamentos permanecem atuais no Brasil do presente. A alienação tomou conta do país e direitos conquistados às duras penas foram “arrancados” do povo trabalhador, a educação voltou a ser uma educação bancária, onde se nega a História do povo brasileiro a todo custo.

Esse curso contribuiu muito na minha vida. Fazendo uma análise de todo o curso vejo que ele me libertou, como o senhor nos mostrou que a educação digna é a educação libertadora, esse curso foi libertador. Sou uma mulher empoderada e mais humanizada.

Acredito que precisamos ser mais humanos e ver o outro como queremos que nos vejam. Sou muito agradecida a todas e a todos que fizeram acontecer esse curso e a todas e a todos alunos e alunas.

Continuamos lutando!

FEEDBACK A PAULO FREIRE

GILDEHON SANTOS

Ao longo do curso tive a oportunidade de refletir sobre temas e assuntos que antes não conhecia. Foi um momento que permitiu reflexões além imaginárias e até então desconhecidas.

Através dessas reflexões obtive conhecimento que me guiou por novos horizontes, permitindo uma formação sólida para enfrentar diversas situações e ter argumentos capazes de mudar a visão antiga e errônea diante de algumas situações.

O curso contribuiu na formação educacional e na forma de enfrentar situações, fazendo “refletir fora do conhecimento atual” e rompendo essas barreiras através da inteligência.

UM EXEMPLO A SER SEGUIDO

FRANCISCA KERLLY ALVES DE OLIVEIRA SOUSA

Caríssimo Paulo Freire,

É com grande orgulho que escrevo essa carta para lhe contar quão proveitoso foi um curso que realizei, intitulado Lideranças Conectadas. E como falar em liderança e não falar do mentor de uma educação voltada para a consciência.

Primeiramente, me apresento como sendo uma educadora que busca a cada dia descobrir novos saberes, com intuito de melhorar minha prática pedagógica.

Paulo, é muito gratificante poder lê suas obras e pôr em prática seus ensinamentos, procurar desenvolver nos educandos uma consciência crítica, uma postura de autonomia frente aos desafios que encontramos. Essa educação transformadora e emancipadora que você tanto defende. Essa relação onde aluno e professor aprendem simultaneamente, cabendo ao educador mostrar ao educando que ele traz consigo uma bagagem de conhecimentos oriundos de suas experiências e ao mesmo tempo organizar esses conhecimentos, relacionando-os aos saberes escolares. Dessa forma, o educando melhora sua autoestima, participa mais ativamente do processo de aprendizagem e desenvolve sua autonomia para participar mais ativamente da sociedade.

Durante todo esse curso, pude refletir sobre as várias práticas pedagógicas que permeiam a educação, me fez pensar o quanto o papel do educador faz toda a diferença, o quanto não se deve aceitar respostas prontas e a importância de se buscar a participação de todos para se fazer uma educação voltada para todos.

PENSANDO A PRÁTICA: PARA TRANSFORMAR O MUNDO

NÁRGYLA CRISTINA DOS REIS SOUZA

Prezado Sr. Paulo Freire,

É com grande emoção que escrevo essa carta. Sei que não me conhece, que nada sabe a meu respeito. Mesmo assim gostaria que soubesse que és meu exemplo de educador, pedagogo, filósofo. Que é referência da educação. Com o sr., aprendi que a nossa missão é possibilitar a criação e produção de conhecimentos e conseqüentemente o papel da Escola é ensinar o aluno a “ler o mundo”. Pois isso envolve o desenvolvimento da conscientização do estudante. Formando uma consciência crítica permitindo assim que as pessoas questionem a natureza de sua situação histórica e social, com o objetivo de atuar como sujeitos na criação de uma sociedade democrática.

Lendo e conhecendo suas teorias compreendi que o profissional da Educação deve levar os alunos a conhecer conteúdos, mas não como verdade absoluta pois ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas, o que existe é troca de experiências e aprendizados. Os dois lados aprendem juntos um com o outro. E para isso, é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar.

Nós professores do século 21 temos que encontrar e conhecer metodologias que nos auxiliem no desenrolar de nossas atividades diárias e o que diz respeito, ao sr. Paulo Freire nos faz querer ser melhores a cada dia buscando sempre o que há de novo e de melhor para nossos alunos. Além disso, o sr. mostra como englobar a realidade dos estudantes à sala de aula, com implementação de metodologias ativas e tecnológicas, essencial para sociedade em que vivemos. E isso é espetacular e encantador.

Para concluir, quero deixar o meu agradecimento pessoal a toda colaboração, teorias e práticas que o sr. Permitiu a nós conhecermos. Por deixar um legado tão relevante para todos aqueles que acreditam na possibilidade que tudo será possível à medida em que se busque e encontre o conhecimento.

Com gratidão,
Nárgyla Cristina dos Reis Souza.

CONEXÃO DOS SABERES

FRANCISCO LAÉCIO BARRETO DA SILVA

Prezado Paulo Freire,

Sou Laecio Barreto, professor da E.E.I.F. João Araújo Torres e filiado ao sindicato dos servidores municipais Sindsep.

Participei do curso "Lideranças Conectadas" e percebi que a forma de ensino EAD possibilitou-me mais aprendizado e flexibilidade de horários.

Foram abordados diversos temas distribuídos em seis módulos importantíssimos para o meu desenvolvimento profissional e pessoal de modo reflexivo.

Durante esse curso ampliei mais ainda minha visão de mundo onde a ação e emoção do indivíduo se juntam de forma crítica e se dá no contexto sociocultural.

Senhor Paulo Freire, uma das suas citações que mais me faz refletir é a seguinte "Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor". Diante desta ideia, a minha responsabilidade enquanto educador estimula minha prática pedagógica cada vez mais para uma educação libertadora.

Esta oportunidade de ter participado deste curso me fez se sentir realizado em vários aspectos: Interação com os cursistas e monitores por meio de compartilhamentos de saberes através dos fóruns e multimídias.

Além das leituras dos textos e resolução de atividades durante o percurso desta caminhada.

Atenciosamente,

Prof. Laecio Barreto.

PALAVRAS DE ESPERANÇA

FRANCISCA FERNANDA BATISTA DE CASTRO

Querido Paulo Freire, vivemos tempos sombrios...

Maio de 2020, um ano atípico.

Em pouco mais de 90 dias, 320 mil vidas foram perdidas em todo o mundo para um inimigo invisível. Parece mentira, mas a história se repete, assim como nas primeiras décadas do século XX, quando a humanidade enfrentou a gripe espanhola, as primeiras décadas do século XXI também nos trouxeram uma catástrofe, o Covid-19.

Trata-se de um momento delicado em que nações do mundo inteiro anseiam uma maneira de combater as mazelas causadas por tal calamidade. Do lado de fora, ruas vazias, escolas fechadas e hospitais lotados. Do lado de dentro, indivíduos saudosos, inquietos e ansiosos.

Como se não bastasse a atual crise sanitária, enfrentamos uma ainda pior, contra o fascismo, o obscurantismo e a incapacidade de um dos piores líderes que esse país já viu. É como disse, são tempos difíceis.

Pode parecer exagero, mas certos momentos me fazem lembrar a idade média, momento em que a ciência era desprezada e o conhecimento desperdiçado. Obviamente não me refiro a nossa comunidade científica, nossas universidades, que na verdade representam a única esperança que temos no enfrentamento desse vírus. Eu me refiro ao atual presidente da república, que representa o que temos de pior no atual cenário político. Um ser por quem manifesto desprezo análogo ao Covid.

Perdoe-me pelo desabafo. Não poderia iniciar essa conversa sem notificá-lo do momento tão complexo pelo qual estamos vivendo. Dito isto, gostaria de agradecê-lo pela oportunidade que tive de revisitar algumas das suas obras durante este curso.

Agradeço pela sua lucidez e sensibilidade de enxergar a educação como prática de liberdade;

Agradeço a sua persistência em levar a educação para aqueles que mais precisam, os excluídos e oprimidos;

E agradeço, principalmente, pelo seu legado de amor e esperança. Esse legado que me faz acreditar em dias melhores, e confiar que somente através da educação será possível vencer a pandemia, o autoritarismo e a ignorância.

UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

LUCÉLIA BEATRIZ DA SILVA

Caríssimo Paulo Freire, Boa noite!

Espero, meu grande estimado escritor que esteja bem. Me chamo Lucélia Beatriz, tenho 30 anos, sou professora de História, há 20 anos trabalho na área da educação, escolhi seguir minha vida profissional nessa área desde criança, quando ainda pequenina admirava muito a professora que me alfabetizou, com ela aprendi muitas coisas, a mesma se tornou para mim uma grande referência, guardo sua imagem na sala de aula ainda hoje em minhas memórias com muito carinho.

A minha professora Cleide foi uma grande referência para minha vida, logo me inspirei na sua figura e à medida que fui crescendo nasceu em mim o desejo de também como ela ser uma inspiração para outras crianças, por isso, decidi ser professora, a educação é uma das minhas grandes paixões e foi através da mesma que entrei em contato com os seus ideais e pensamentos, meu caro Paulo Freire.

Em 2019 tive uma oportunidade única que foi fazer parte de um curso online sobre Lideranças Conectadas, estou no último módulo desse curso, e estou muito feliz por poder estar tendo a oportunidade de ler mais sobre a sua grandiosa obra. Minha caminhada no curso que estou concluindo foi muito gratificante, tendo em vista, que pude aprender mais, adquirir mais conhecimentos que está servindo de base para minha prática pedagógica em sala de aula.

Meu caro Paulo Freire, quero te dizer que as suas contribuições me fazem repensar e rever a minha didática a cada dia, me ensina que a formação deve ser aliada à reflexão da autonomia do aluno, estar no processo de ensino-aprendizagem é muito mais do que repassar

conhecimentos e conteúdos, é sobretudo, estimular os alunos a pensar, a formar uma opinião, é respeitar as experiências dos educandos aliado aos conhecimentos em estudo.

Apreendi que na verdadeira condição de aprendizagem, os educandos se transformam em sujeitos reais da construção e da reconstrução do saber e que somente com a pesquisa e a ciência podemos mudar a nossa realidade, a realidade dos nossos alunos e, conseqüentemente, a realidade da nossa comunidade e do nosso país.